AGROEXPERIMENTAIS EDUCATIVOS #1: O PROJETO JARDIM ANTROPOFÁGICO

EDUCATIONAL AGROEXPERIMENTS #1: THE ANTHROPOPHAGIC GARDEN PROJECT

Isabela Frade / UERJ
Monique das Neves / UERJ

RESUMO
A partir de um processo de experimentação agroecológica em que as artes visuais se integraram a outras áreas de pesquisa, obteve desenvolvimento um projeto de investigação tendo como objeto central a representação artística e, em especial, a simbologia antropofágica do mamoeiro. Oriundo das demandas de consumo alimentício da própria universidade, o projeto conta com distintos setores acadêmicos e laborais que se reuniram em colaboração a um coletivo de estudantes autogestionado, o Grupo de Agroecologia Manga Rosa. No trabalho em questão são apresentados os processos epistemológicos, estéticos e educativos que se desenvolveram na criação de um "canteiro antropofágico".

Palavras-chave: Arte Relacional Complexa; Paisagismo; Agroecologia; Processos Colaborativos; Educação Participativa.

ABSTRACT
Through an agroecologic experimentation process by which the visual arts were integrated to other research areas, an investigative project was developed having as central object the artistic representation and, in particular, the anthropophagic symbolism of the papaya tree. As part of the demands in food consumption by the university itself, the project counts on different academic and labor sectors that met in collaboration with a collective of self-managed students, the Agroecology Group Manga Rosa. The paper in question presents the epistemological, aesthetic and educational processes that have developed in the creation of an "anthropophagic garden".

Key Words: *Complex Relational Art; Landscaping; Agroecology; Collaborative processes; Participative Education.*

Apresentação - das plantas nativas à cultura antropofágica

Esse trabalho reflexiona sobre um processo de intervenção no campus universitário UERJ Maracanã a partir de uma metodologia de pesquisa-ação de base multidisciplinar. Uma experimentação agroecológica em que a Botânica, as Artes Visuais e o Paisagismo se integraram a outras áreas de pesquisa, obteve desenvolvimento um processo investigativo tendo como objeto central a representação artística e, mais ainda, a simbologia antropofágica do mamoeiro. Oriundo das demandas de consumo alimentício da própria universidade, o projeto conta com distintos setores acadêmicos e laborais que se reuniram em colaboração a um coletivo de estudantes autogestionado, o Grupo de Agroecologia Manga Rosa (Figura 1). No texto em questão são apresentados os processos epistemológicos, estéticos e educativos que se desenvolveram na criação de um "canteiro antropofágico"

Um experimento demanda observação cuidadosa e, dependendo de sua natureza, esse tempo de exame é longo, exigindo persistente dedicação. Ainda que tenha tido início em investidas aleatórias e desordenadas, em 2012, data inaugural de suas primeiras intervenções, o processo segue um processo onde se transforma em uma investigação programada e um estudo acadêmico no âmbito da pós-graduação. A partir de período de curtas e breves investidas até a data atual, consistindo grandes demandas e intensos investimentos laborais, quando se origina um grupo que hoje está coletivamente organizado, produzindo e reconhecendo seus primeiros resultados. A qualidade das experiências desenvolvidas exigiu contínua atenção e inúmeras negociações, inclusive ampliando seus próprios princípios e noções sobre a natureza do conhecimento acadêmico, a noção de arte e o seu fazer. Destes labores, destaca-se o Experimento Mamoeiros e seu consequente resultado, os Canteiros Antropofágicos, apresentados em ordem sequencial, seguindo seu próprio desenvolvimento.

As questões educativas seguem o princípio de um projeto metodológico multidisciplinar, no qual a Arte dialoga e aprende com a Biologia, com a Geografia,

com a História, com a Educação, com o Paisagismo na construção de um objeto comum, no intercâmbio de ideias, em procedimentos e instrumentos, no objetivo de seguir ao encontro de um conhecimento híbrido, transdisciplinar, promovendo ainda aprendizagem não sistematizada no interior das grades curriculares e dos sistemas e currículos nos formatos tradicionais. Há também esforços no desenvolvimento de processos não hierarquizantes, reunindo sujeitos que ocupam distintas posições laborais em graus formativos diversos, unido saberes, conhecimentos e noções práticas advindas de variadas fontes e meios.

Estamos ocupados: da crise universitária ao engajamento coletivo

De uma longa ocupação no campus universitário, os estudantes se organizaram em equipes de trabalho na manutenção da vida coletiva, envolvendo ações integradoras e oportunizando incrementos na colaboração de sujeitos pertencentes a distintas áreas de conhecimento. Um grupo foi então sendo espontaneamente formado, quando se inaugura como coletivo na mais longa ocupação: o Grupo de Agroecologia Manga Rosa (Figura 1).

Figura 1. Grupo Agroecologia Manga Rosa: O Pomar em ocasião festiva do processo de ocupação. Muitos momentos se tornaram emblemáticos na tarefa de reunir e atuar junto. Práticas arcaicas como o mutirão foram suscitadas e experimentadas. Fonte: Arquivos da pesquisa.

A partir de 2015, Grupo Manga Rosa dedicou-se a conquistar um espaço para tornar perenes as suas primeiras intervenções: tratou com a administração da universidade, conseguindo bom diálogo com a Prefeitura dos Campi e reuniu-se em uma série de

mutirões. Foram plantados pés de pitanga, goiaba, manga e muitas outras árvores frutíferas. Os mamoeiros, destacam-se (Figura 2): cresceram rápido, se fazendo força de mudança no campus, tornando-se uma espécie de *front* ecológico, recuperando canteiros depauperados pela aridez e propiciando alimento, atraindo novas espécies de aves e o já notado gambá, nosso pequeno marsupial tropical. Escolhendo sua indômita presença como objeto de estudo, nos permitimos um aporte poético no trato do Mamoeiro como elemento simbólico, levantando suas referências imagéticas em pinturas nacionalistas, às quais nos dedicaremos mais adiante, trazendo então nossa atenção ao tema da antropofagia enquanto estratégia estético-política de lidar com a natureza local e buscar o vínculo perdido com as culturas nativas.

Figura 2. O verde vívido do Mamoeiro contrasta com o plano cinza da fachada em sua constante fecundidade: quando não está carregado, está florido, no intenso e contínuo produzir. Junto ao caule central, podemos observar os pequenos frutos que, ao crescer, se acumulam no topo.
Fonte: Arquivos da pesquisa.

Os mamoeiros foram surgindo de forma espontânea durante os mutirões agroecológicos que o grupo promoveu nos locais. Para cada espaço predestinado eram cultivados certos tipos de semente e mudas eram escolhidas de acordo com profundidade, ph da terra, tamanho do espaço e os destinos sociais daquele ambiente. Na verdade, eles já estavam lá.

Já haviam sido notados alguns pés de mamão que, porventura plantados por algum funcionário zeloso, foram motivo de cobiça e orgulho, pois cresceram, deram frutos que foram todos colhidos. O mamoeiro, uma planta intrusa que trouxe consigo uma desordem estética e cognitiva, na medida em que quebrava o paisagismo moderno, vindo com seu "ar de roça", fazendo do jardim, um quintal. Foram depois sumariamente cortados. Estavam condenados ao esquecimento se não fosse a ocorrência intempestiva da ocupação. O restaurante universitário, sem recursos, havia fechado, e os alunos começaram a desejar plantar para superar a sua falta, e ganhar autonomia. Com alimentos, poderiam permanecer no campus, e manter a ocupação. Os mamoeiros voltaram por uma lembrança: o grupo decidiu recuperar o hábito clandestino do funcionário, sonharam com um campo largo, cheio de plantas generosas e se dispuseram a fazer um canteiro de frutíferas. Criaram um pomar.

Do experimento Mamoeiro e seu contexto ajardinado

Os mamoeiros, por serem plantas perenes, desenvolvem-se logo e, rapidamente, se tornam plenos de flores e seguidamente dão frutos. São plantas generosas. A cada mamão maduro que cai na terra, nascem muitos outros pés-de-mamão. Observou-se um canteiro de 40 cm de profundidade, com medida de 5,0 x 9,5 m, no qual 8 mamoeiros chegaram a atingir quase 5 metros de altura, todos produzindo muitos frutos. Esses frutos seguem sendo consumidos, seja pelo passante que ali colhe, pelos pássaros e outros animais que se fizeram presentes, como o gambá e o mico-estrela. Seu processo de crescimento se dá como um campo unificado: mesmo não sendo uma única raiz, como um rizoma, conforma logo um agrupamento que, em permitido, se alastra como uma rede. As árvores se multiplicam com facilidade e geram um modo de sustentação recíproca, o que permite que sobrevivam em condições bem drásticas de falta de água e calor extremo.

A presença do mamoeiro no jardim (Figura 2) observa o cativar pelo sentido familiar e interiorano que tem essa fruta, motivando adesões e efetivando a aproximação e participação do público, seduzindo alunos, funcionários e docentes, fazendo que se

sintam entrosados ao movimento, impulsionando a que se incluem emocionalmente ao espaço de cultivo, no desejo que o tomem como parte do seu espaço vital. O mamoeiro produz um híbrido de jardim/quintal, impregnando a universidade com uma atmosfera doméstica. Ao mesmo tempo, o cultivo participativo imprime o sentido de que esse espaço acadêmico é um espaço público, o configurando de fato em espaço de interação social.

O mamoeiro (*Carica Papaya* L.) é uma das fruteiras mais cultivadas e consumidas nas regiões tropicais e subtropicais do mundo. Os frutos do mamoeiro apresentam sabor suave e doce, com um leve aroma. Sua polpa é constituída de uma textura fibrosa, mas macia. Suas características nutricionais o tornam um alimento com benefícios em amplo espectro, podendo ser consumido por pessoas de todas as idades. A sua composição química varia de acordo com a terra de cultivo, assim como o clima e trato cultural, as condições ambientais e a época em que é produzido e seu estágio de maturação (SOUZA et Al., 2009).

Seus amarelos e verdes cambiantes vão colorindo e marcando as fases de crescimento da planta, de suas flores e frutos. São fecundos desde seu estado verde, em que há doces e medicamentos até seu estado pleno de madureza, quando são consumidos diretamente, *in natura*, ou em sucos ou saladas. Sua casca apresenta um látex leitoso que é utilizado culinariamente como amaciante de carnes, enquanto a papaína tem uma enzima usada em medicamentos para distúrbios gastrointestinais. É um regulador do metabolismo e muito apreciado no café da manhã em todo o país.

Nunca um **mamão** é igual ao outro. Diferem em forma, cor, sabor e perfume. As sementes, que ficam ligadas por fibras à extremidade interna da polpa, no espaço oco de centro, conformam uma superfície delicada, cheia de pontos de um preto brilhante. São redondas, pequenas e se postam lado a lado, ocorrendo em grande quantidade. Apesar de serem geralmente desprezadas, são comestíveis e medicinais, tratando males diversos. Atuam como vermífugos e auxiliam no funcionamento da digestão.

Figura 3. O mamão é uma planta que apresenta aderência a determinadas modulações afetivas: à planta é atribuída especialmente as qualidades de modéstia, delicadeza e generosidade.
Fonte: Desenho de autoria de Monique das Neves.

O mamoeiro, segundo os princípios debatidos pelos investigadores, tem o potencial de promover, assim, especialmente importante para o cultivo no meio urbano, a multiplicação das fontes alimentícias sem a necessidade de mecanização que perpassa a agricultura produtivista. Além de ter seu fácil plantio, sua fertilidade pode garantir uma distribuição ampla, atendendo a muitos.

Plantando mamoeiros no campus: representação em elemento/alimento

A necessidade de criar a obra no espaço que se identifica como a entrada do ateliê do Instituto de Artes, se deu nessa dupla condição: fazer arte e produzir alimento. Ali eram deixados entulhos de obras, e lixos acumulados não só do ateliê, mas de um ginásio mais próximo também, e resíduos de alimentos consumidos por alunos, criando ninhos de ratos e a frequência de pombos, além de caramujos, como outras pragas. São muitos os desafios para se estar em situação de pesquisa: organizar o próprio grupo, planejar e executar tarefas que, cotidianamente, exigem serem refeitas, um trabalho árduo que ensina a ver as benesses que usualmente delas nem mesmo sentimos o peso, como o saborear uma fruta.

O Experimento Mamoeiro e os exercícios de jardinagem no campus perpassam pelo sentido maior desse esforço, que é produzir coletivamente. A comunidade acadêmica se encanta com o projeto, mas não entende ainda o que o canteiro e o que nele se planta é de todos, que essa área verde deve ser cuidada e usufruída por todos, o que demanda um esforço de organização e trabalho comum. Mas há muito em jogo nesse processo que vem carregando consigo, no seu desenvolvimento, outros elementos para esse exercício de estar junto, como os próprios elementos botânicos que se apresentaram como atratores e, em certa medida, puseram-se como protagonistas também no percurso. Há que reconhecer sua estranheza, sua natureza que desafia o conhecimento: "afinal, o que é uma planta?" Nesse sentido, muitos estudos e oficinas com os estudantes de Botânica foram organizados, para que o cultivo pudesse ser compreendido a partir de seus elementos primários.

Os mamoeiros sobreviveram e estão cada dia mais fortes. Ocasionalmente, as folhas se cobrem de pragas que insistem em habitá-lo, enfrentamento árduo que todo agricultor conhece, mas que se tornou grave por falta de zelo, sintoma das crises na gestão do espaço. A resistência do mamoeiro e os comentários sobre seu crescimento no campus obteve reconhecimento e muitos permanecem vivos mesmo com "resetagens" do jardim.

Agroecologia Antropofágica - representação, nutrição e trabalho com a terra

O manifesto Pau-Brasil de Oswald de Andrade enfatizava a necessidade de criação de uma arte como expressão das características da brasilidade, com absorção crítica da modernidade europeia. Provocou discussões sobre o surgimento da consciência nacional, abordando a realidade de uma cultura de espelhamento, sem caráter próprio. Esse manifesto reivindicava uma linguagem natural e originalmente nativa. Foi publicado pelo Correio da Manhã em 18 de março de 1924 do mesmo ano que o manifesto surrealista de André Breton. O Brasil modernista estava acompanhando o movimento das vanguardas europeias, ainda que na gestação de um movimento próprio. Oswald defende uma poesia sem regras preestabelecidas para pensar e fazer arte, uma base primitivista agregada a outros predicados libertários: "Tupy or not tupy!" era o mandamento para revolver o sentido de pertença, impregnando a condição moderna com o motivo político da origem.

Figura 4. Plantando o Jardim Antropofágico com introdução de bananeiras. No canto superior à esquerda, as folhagens do mamoeiro. Fonte: Arquivos da pesquisa.

Uma poesia que pretendia então o vínculo também com a dor: busca a árvore que se tornaria o meio fundante, com subsequente extermínio de seus bosques, provendo a primeira riqueza da fase inicial de colonização, ao assumir criticamente contrastes históricos e culturais aos quais a população e toda a natureza foi submetida, proposta possibilitando tomada de consciência com o Brasil enquanto projeto social emancipador. O primitivismo, instigando a imaginação, promoveu liberdade conceitual e estética: a junção do moderno com o originário trouxe nossa mais importante revolução artística e cultural.

O mamoeiro é o motor do apelo à fase Pau-Brasil. O mamão como um referente em destaque, devido à sua condição de exuberante fruta nativa, facilmente encontrada nas regiões tropicais das Américas, presente nas zonas interioranas e mesmo nos quintais urbanos, fazendo parte de repertório comuns ao espaço doméstico. Por sua insistente presença, também sua lembrança como primeira fruta colhida no campus, sua viva coloração verde-amarela, seu fecundo espalhamento que muitas vezes evitamos e, por sua resistência, em que a planta insistia em reviver; todo esse material seguiu impregnando de sentido esse labor produtivo e seu sentido foi se deslocando para uma produção calcada na identidade nutricional local, dando a pensar o que seria "uma agricultura natural" e torná-la mais fortemente política, flexionando-a com o processo descolonizador no qual vive hoje a universidade. Nasce assim a *Agroecologia Antropofágica,* como uma crítica a esse mesmo movimento descolonizante, observando que esse sentido habitava de forma potente nas formas de Tarsila do Amaral, nossa pintora modernista. Ao buscar Tarsila, encontra ecos de sua obra em outros artistas mais recentes, no Tropicalismo dos anos 60/70 e no contemporâneo, onde não é mais a representação, mas o alimento em si que aparece e se faz obra.

O quadro de Tarsila do Amaral intitulado “O Mamoeiro” (Figura 5), de 1925, da fase inicial Pau-Brasil. Uma obra que, em esplêndido colorismo tropical, mostra o início da ocupação dos morros das grandes cidades mostrando a vida simples, o dia a dia das

pessoas (BRITO, 1996) ao mesmo tempo que revela os movimentos migratórios e mudanças de hábitos na população, num país em franco processo de urbanização.

Figura 5. O Mamoeiro, tela de Tarsila de 1925, exprime as qualidades plásticas da fase Pau-Brasil que se encaminham para o Movimento Antropofágico. No projeto de paisagismo e agroecologia em produção, o grupo de estudantes Manga Rosa também se exercita nesse modo de estar buscando raízes culturais e estéticas, integrando com as fontes científicas globais e deglutindo tudo em um campo de atuação localizada, em produção *in situ* no modo participativo e auto gestionado. Fonte: http://artefontedeconhecimento.blogspot.com/2012/05/o-mamoeiro-1925-tarsila-do-amaral.html.

Esta era a obra preferida do escritor Mário de Andrade. Ele elogiou muito a figura do mamoeiro, tão típica da nossa flora. É um dos primeiros quadros da fase Pau-Brasil, mostrando a paisagem rural brasileira. A infância que Tarsila passou nas fazendas de seu pai influenciou muito sua obra, tanto pelas cores, como também pelos temas. Nessa fase, as pinturas de Tarsila exaltavam a natureza tropical, buscando o tom da brasilidade. Tarsila constituía uma nova palheta, com cores fortes, ditas por ela mesma como caipiras. Foi acusada por muitos de mau gosto. A pintora apresenta, com o quadro O Mamoeiro, um dos ápices da brasilidade nativista, traduzido em temas humanos, nacionais e nas cores com os tons de intensidade e força reminiscentes da infância da pintora nascida em Capivari. (AMARAL, 2003; ZÍLIO, 1997).

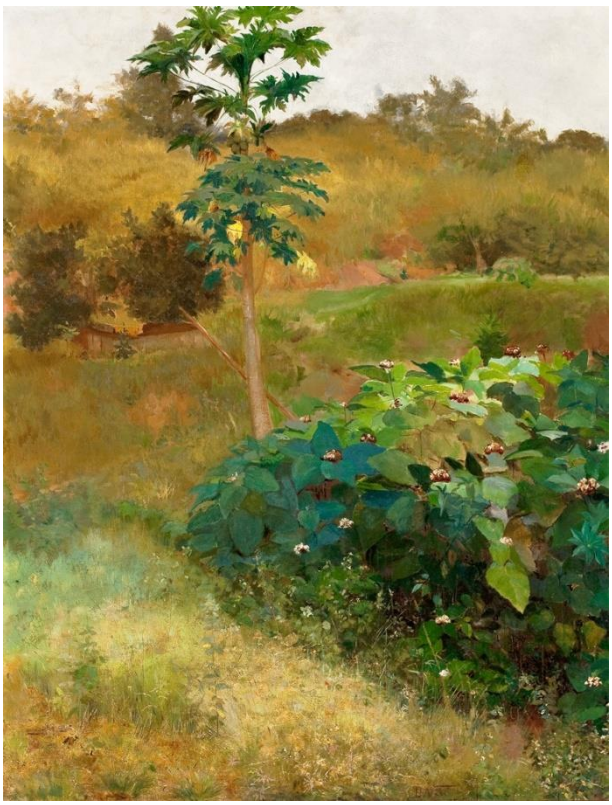

Figura 6. O Mamoeiro de Eliseu Visconti. Com essa obra o autor ganha Medalha de Ouro em 1890 no salão de arte promovido pela Escola Nacional de Belas Artes. Fonte: acesso livre em https://eliseuvisconti.com.br/primeiros-tempos-1866-1892/

O mamoeiro é figurante já presente na imagética brasileira: aparece em muitas referências imagéticas na pintura nacionalista. É planta romântica com Eliseu Visconti que, em 1889, pinta "O Mamoeiro" (figura 6) e também antropofágica, como tratamos em Tarsila do Amaral (figura 5), atravessando o tropicalismo com Aldemir Martins (figura 7). Cada artista ressaltou particularidades de seus aspectos estéticos, nos aproximando do mamoeiro em modos específicos.

Conclusão: quando educar é nutrir, fazer arte é produzir alimento

O projeto investigativo remete a questões de noções de arte relacional complexa (Kinceler, 2008) partindo das observações sobre as relações entre todos os que estão ali envolvidos.

Figura 7. Caatinga, Gravura de Aldemir Martins de 1980. A obra pictográfica de Martins contém fortes ecos antropafágicos, traços tropicalistas em exuberantes composições poéticas. O mamoeiro destaca-se no canto direito do plano mediano. Fonte: http://www.estudioaldemirmartins.com/home/obras-aldemir-martins-80.html

Uma forma de pensar e fazer arte em um meio relacional agregando características pessoais, ao mesmo que tempo que gerando um processo de formação de um coletivo antropofágico. Um trabalho original e espontâneo que revoluciona na medida em que transtorna o espaço tanto da arte (que sai do atelier) quanto o acadêmico (ao extrapolar a sala de aula). Se faz instrumento político enquanto manifestação organizada, tentando recuperar um espaço que sempre foi de destinação pública, mas nunca foi compartilhado. Agora, ele é efetivamente ocupado por dinâmicas vitais. A ativação do espaço Pomar trouxe uma nova vida para alguns espaços da universidade e para aqueles que ali passam. Como espaço de trabalho e desejo, enseja ser cuidado por todos.

O foco está nas relações entre cada sujeito e dos muitos grupamentos, - de alunos, de docentes, de funcionários, de ambientalistas, de cientistas, de educadores, de ativistas, entre tantos agenciamentos, em que cada pessoa produz modos singulares de aderência e vínculo, fazendo parte de um ou mais coletivos nesse processo -, reconhecendo os saberes dos demais, de outros modos de atuar e entender o mundo acadêmico, no perceber seu papel político nesse universo de produção de conhecimento também no (re)conhecimento do(s) outro(s), reunindo, antropofagicamente, o saber de todos e, de modo autoral, devorar, alimentando-se, no saber da arte.

Figura 8. Mamoeiro integrado a jardim em edifício na Zona Sul da cidade. Por sua folhagem exuberante, uma planta frutífera se integra aos elementos de fruição. Observamos a espontânea adesão, ainda que inconsciente, ao modelo jardim/quintal que buscamos cativar com o ideário antropofágico. Fonte: arquivos da pesquisa.

O primeiro dos eixos, o da discência, esse do qual tratamos neste texto, trata do enfoque sobre um tipo de saber vívido, um saber aberto, vinculado aos processos reais de trabalho na aprendizagem e de sua inserção na vida social. Um saber ativo, que se dá em investigação (des)contínua, e se produz na proposição da formação vinculada ao papel do aprendiz como sujeito atuante em seu próprio meio, e não

apenas responsivo. Portanto, o papel ativo como o daquele que é partícipe na construção de conhecimento, mas isso em termos radicais, pois esse conhecimento não está isolado nos limites de seu campo de pensamento, em suspensão, longe de uma prática real, mas sim refletido em seu modo de presença e, ainda, em seu sentido político de ocupação desse seu espaço de presença, a partir do qual exerce um nível de comprometimento social desenvolvido em responsabilidade gestionante e, portanto, e ainda, posicionando-se como singularidade criativa, atuando também esteticamente.

Referências

AMARAL, Aracy. **Tarsila: sua obra e seu tempo**. São Paulo: Editora 34, 2003.

BRITO, M. da Silva. **História do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna**. Rio de Janeiro: Civilização. Brasileira. 2.ed, 1996.

KINCELER, José Luis. "As noções de descontinuidade, empoderamento e encantamento no processo criativo de Vinho Saber I – Arte relacional em sua forma complexa". In **Panorama de Pesquisa em Artes Visuais**. Anais do 17º Encontro ANPAP. RAMALHO, S; MAKOWIECKY, S. (org.) Florianópolis: ANPAP, UDESC, 2008.

SOUZA, T et Al. "Avaliação física e química de frutos de mamoeiro Tainung nº 1, fertirrigado com diferentes combinações de fontes nitrogenadas"**.** In **Revista Brasileira de Ciências Agrárias**. Recife: UFRPE, 2009.

ZÍLIO, Carlos. **A Querela do Brasil**. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1997.

Isabela Frade

Licenciada em Artes Visuais (PUCRio) com Mestrado e Doutorado em Ciências da Comunicação (ECA/USP). Docente do Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UERJ na linha Arte, Pensamento e Performatividade. Coordenadora do projeto extensionista Cerâmica Viva. Líder do Grupo de Pesquisa O Espaço Crítico - arte, pensamento e ação educadora. Contato: isabelafrade@gmail.com

Monique das Neves

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Contemporânea do Instituto de Artes da UERJ com Bacharelado em Artes Visuais (ART/UERJ). Pesquisadora acadêmica com experiência em Cinema (LAV/UERJ/UFF). Curadora de ações educativas do Grupo de Agroecologia Manga Rosa. Integra o Grupo de Pesquisa O Espaço Crítico - arte, pensamento e ação educadora. Contato: monique.uerj.ufrj@gmail.com